

Borat e Boal – Um diálogo improvisado¹Brian Hagemann²Denize Correa Araújo³

Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

O presente estudo, que parte de meu projeto de doutorado, estuda o subgênero *mockumentary* a partir da análise do filme *Borat! Aprendizados Culturais da América para Beneficiar a Gloriosa Nação do Cazaquistão*, por Sasha Baron Cohen (2006). Tendo como característica principal a utilização de estratégias e estéticas do documentário para contar uma narrativa de ficção, o *mockumentary* tem provocado reflexões profundas sobre o cinema, sobre a ética no documentário e sua forma que carrega a “autoridade do real” (RAMOS, 2008). No campo acadêmico, o *mockumentary* ainda é pouco discutido, tendo algumas teorias estabelecidas a respeito. Até hoje, a principal referência do gênero é o livro de Jane Roscoe e Craig Hight, *Fading it: mock-documentary and the subversion of actuality* de 2004, o qual faz uma importante cronologia do gênero e tenta abranger suas principais características e possibilidades. Ao analisar mais profundamente o filme *Borat- O segundo melhor repórter do glorioso país Cazaquistão* viaja à América, contudo, percebi que ele possui peculiaridades suficientes para contribuir com essas teorias. No filme, acompanhamos o personagem ficcional Borat Sagdyiev, interpretado pelo comediante britânico Sacha Baron Cohen, um repórter do Cazaquistão, que sai numa “road trip” pelos EUA entrevistando cidadãos americanos, para assim aprender sobre seu

¹ Trabalho apresentado na DT 4 – Cinema e Audiovisual do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 16 a 18 de junho de 2022.

² Doutorando em Comunicação e Linguagens pela UTP – Universidade Tuiuti do Paraná. E-mail: brian_hagemann@yahoo.com.br

³ Orientadora do trabalho. Professora no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná.

modo de vida e levar esse conhecimento de volta para seu país. Três especificidades do filme chamaram minha atenção. Primeiramente, ele já se destaca sendo um filme onde a ilusão de real dentro do documentário está mais para as pessoas envolvidas dentro do filme, como “pegadinhas”, do que para o espectador, que já percebe que se trata de um texto ficcional, ao contrário das “vítimas” em frente às câmeras. Em segundo lugar, o personagem joga com seus entrevistados de forma antiética. Ele convence as pessoas que ele é do Cazaquistão (um país remoto que pouca gente sabe algo a respeito) e está fazendo um documentário para mostrar aos seus superiores (ou seja, improvável que vá ter alguma circulação comercial). Então ele destila barbaridades, se mostrando homofóbico, machista, antissemita, xenófobo, ingênuo e ignorante. Assim, alguns entrevistados reagem a ele mostrando seu pior lado, emitindo opiniões polêmicas sobre diversos assuntos. Por outro lado, qualquer outro documentário ou telejornal mais tradicional dificilmente conseguiria depoimentos de tamanha sinceridade, visto que as pessoas tendem a se preservar diante das câmeras, mostrando sua persona mais aceitável. Por último, há uma característica incomum em relação à maioria dos filmes do gênero *mockumentary*: a encenação documental de pessoas comuns (não-atores) que, sem querer e sem saber, fazem as engrenagens da narrativa ficcional caminhar dentro da diegese fílmica. Ou seja, o filme possui um pré-roteiro e os atores o seguem naturalmente, mas as pessoas entrevistadas, ao contrário de outros falso-documentários, onde todos os participantes estão cientes da ficcionalidade, aqui não fazem ideia que estão num filme de ficção. Elas reagem naturalmente aos eventos registrados pela equipe do filme, em *mise-en-scène* documental, mas acabam participando inconscientemente de pontos de virada do roteiro, afetando o decorrer da narrativa. Essa característica, que considero a principal, pode contribuir para abranger as teorias de documentário, mesmo não sendo

uma estratégia comum na filmografia de mockumentaries. A quantidade de processos judiciais que a produção do filme Borat recebeu das pessoas ludibriadas é o fator mais provável da baixa experimentação dessa forma. Mesmo que a aplicação dessa estratégia não seja muito comum no Cinema, encontra-se um paralelo interessante no teatro. Mais especificamente no “Teatro Invisível”, de Augusto Boal, que surgiu pela primeira vez como parte do teatro de guerrilha dos anos 1960. No trabalho de Boal, os atores encenavam argumentos políticos em restaurantes, ou nas esquinas, na esperança de atrair os espectadores a participar e se envolver com o que estava ocorrendo. O objetivo, como o próprio Boal deixou claro, era fazer os membros da audiência interpretarem um outro enquadramento em relação ao que estava acontecendo. Enquanto Boal celebrou o Teatro Invisível como uma experiência libertadora e emancipadora para os espectadores, outros argumentam como a falta de conhecimento do público e o consentimento tornam o Teatro Invisível incapaz e problemático. Pode-se argumentar que a falta de consentimento priva os membros da audiência de experiência estética e, portanto, não pode realmente ser definido como teatro. De fato, pode até ser classificado não como teatro político, mas como ação política com elementos teatrais. Como método de pesquisa, faço um levantamento histórico do personagem Borat, e de seus criadores, para depois dividir o filme cena a cena e analisar suas estratégias de interação e encenação entre o personagem e atores e não-atores. Analiso mockumentaries procurando neles características que se aproximem dessas citadas acima para tentar comprovar seu ineditismo estratégico. Faço também um levantamento das teorias dos gêneros *mockumentary* e documentário para confirmar se elas abrangem as características especiais de Borat para enfim compreender melhor como o filme trabalha dentro de suas características formais e na esquematização genérica, dialogando ainda com o reality show e o Candid Camera. Levanto também

estudos sobre Teatro para poder relacionar e e compreender melhor como a encenação pode funcionar de forma espontânea entre essas duas mídias. O Teatro Invisível de Boal leva para as ruas uma performance improvisada com atores/espectadores, enquanto o mockumentary de Cohen, Borat, leva para as telas uma experiência narrativa ficcional onde os atores/espectadores agem alheios aos meios tradicionais de uma produção cinematográfica. Através dos estudos do mockumentary (*Faking it: Mock-documentary and the subversion of factuality*, de Hight & Roscoe), da linguagem documental e da sua encenação (*Mas afinal... O que é mesmo Documentário*, de Fernão Ramos) e dos princípios da Teatro de Guerrilha (*Teatro do Oprimido*, de Augusto Boal), pretendo demonstrar as semelhanças que tanto o Cinema quanto o Teatro têm na experiência de seus espectadores e expectativas como principal fundamento da fruição artística e como sua natureza transgressora em relação ao próprio meio, encontraram então um eco um no outro, onde podemos ver semelhanças em suas estratégias e resultados. Ainda que não haja evidência de relação ou ciência das obras entre seus respectivos autores, defendo que, através da análise de seus métodos, eles compartilham semelhanças inovadoras dentro de seus respectivos campos artísticos, onde quanto mais a encenação tenta parecer, e ser, um confronto real, maior e mais transparente é a ficção que está sendo narrada.

PALAVRAS-CHAVE: encenação, mockumentary, borat, teatro invisível, boal,

REFERÊNCIAS

- BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. Editora 34. 2019
- RAMOS, Fernão. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?** São Paulo, Ed. Senac, 2008.
- ROSCOE, Jane; HIGHT, Craig. **Faking it**. Mock-documentary and the subversion of factuality. London, Manchester University Press, 2001.